

A PESQUISA HISTÓRICA NA TRILOGIA DO ROTEIRO DOS MARTÍRIOS DE FRANCISCO MARINS¹

HISTORICAL RESEARCH IN THE MARTIDOM TRILOGY OF FRANCISCO MARINS

Gustavo Aidar Pigossi

UNIP - Universidade Paulista

Resumo: Francisco Marins apresenta em suas obras a fusão entre fatos históricos e ficção tendo como base temas genuinamente brasileiros. É considerado o autor brasileiro que mais vendeu livros infantis depois de Monteiro Lobato. O objetivo deste estudo é investigar as fontes bibliográficas utilizadas para a produção dos livros que integram a trilogia do Roteiro dos Martírios composta por "Expedição aos Martírios", "Volta à Serra Misteriosa" e "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta". O estudo revelou que as obras foram produzidas no âmbito de um projeto político e cultural paulista, sofrendo influência da historiografia produzida na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Francisco Marins; Manoel Rodrigues Ferreira; historiografia brasileira.

Abstract: Francisco Marins presents in his works the fusion between historical facts and fiction based on genuinely Brazilian themes. He is considered the Brazilian author who sold the most children's books after Monteiro Lobato. The objective of this study is to investigate the bibliographical sources used for the production of the books that integrate the trilogy of Search for the Gold Mines of Martírios. The study revealed that the works were produced within the scope of a political and cultural project in São Paulo, influenced by the historiography produced in the first half of the 20th century.

Keywords: Francisco Marins; Manoel Rodrigues Ferreira; brazilian historiography.

¹ Este artigo é parte do trabalho de curso apresentado como requisito para graduação em História (Licenciatura) na UNIP – Universidade Paulista. Engenheiro Agrônomo. MSc em Engenharia de Produção. Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo/ Coordenadoria de Defesa Agropecuária, gustavo.pigossi@sp.gov.br.

1. Introdução

Autor de romances para jovens e adultos, Francisco Marins (1922-2016) tem como característica marcante em suas obras a fusão entre fatos históricos e narrativa fictícia, tendo como base temas genuinamente brasileiros. Seu primeiro livro, "Nas Terras do Rei Café" (1945), obteve enorme sucesso editorial e de público. Posteriormente, Marins foi reconhecido como um dos principais escritores da literatura infantojuvenil brasileira sendo considerado o autor que mais vendeu livros infantis depois de Monteiro Lobato (SOUZA, 2001), tendo sido publicadas em diversos países e línguas.

Dessa forma, dada a relevância das obras de Francisco Marins para o desenvolvimento da literatura infantojuvenil brasileira e o papel de seus livros como obras paradigmáticas junto às políticas de Estado direcionadas à educação, o objetivo deste estudo é investigar, em seu contexto histórico, as fontes bibliográficas utilizadas pelo autor na produção dos livros que integram a trilogia do Roteiro dos Martírios composta por "Expedição aos Martírios" (1952), "Volta à Serra Misteriosa" (1956) e "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta" (1958).

Para a criação das narrativas, Marins realizou extensa pesquisa sobre as ações dos paulistas entre os séculos XVI e XVII em direção às regiões oeste e norte do Brasil. Assim, uma vez que os livros apresentam uma linearidade narrativa, tanto em seu segmento ficcional como no segmento histórico, torna-se oportuna a análise da obra sob a perspectiva didático/pedagógica e sob a perspectiva histórica.

2. Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada foi a de levantamento e revisão bibliográfica direcionada inicialmente à leitura dos livros infantojuvenis do autor, objetivando a compreensão global da proposta de sua obra direcionada à juventude. Nesse sentido, ficou estabelecida uma linha divisória entre os livros direcionados ao público infantil e os pensados para o público juvenil.

No primeiro grupo temos a série Taquara-Póca, livros com clara influência de Monteiro Lobato e da temática da literatura infantil do início do século XX com cenários ainda ligados à fantasia, ao imaginário popular e ao folclore brasileiro. São eles:

Nas Terras do Rei Café (1945), Os segredos de Taquara-Póca (1947), O Coleira-Prêta (1949) e Gafanhotos em Taquara-Póca (1950).

No segundo grupo, encontramos os livros com temática histórica e tramas alicerçadas no aspecto didático/pedagógico característico da literatura juvenil do período. Algumas destas as publicações apresentam duas narrativas paralelas: a trama fictícia com fundo histórico e, em tipos diferentes, episódios da história do Brasil. Assim, com a proposta de investigar as fontes utilizadas pelo autor para a criação das tramas fictícias e, principalmente, para a criação das narrativas históricas, a pesquisa buscou analisar as obras referenciadas como apêndices dos livros da chamada trilogia do Roteiro dos Martírios, recorte deste estudo na obra de Francisco Marins.

A maior parte das publicações listadas e identificadas como "Obras consultadas para a parte histórica desta narrativa" pelo próprio escritor, puderam ser encontradas em versão digitalizada a partir do acervo de bibliotecas sob a guarda do poder público, como os volumes disponibilizados no site da Biblioteca Digital do Senado Federal. Outras importantes fontes de pesquisa foram as bibliotecas digitais de universidades públicas com destaque para a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, vinculada à Universidade de São Paulo e Biblioteca Digital de Obras Raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Outras fontes utilizadas foram a Biblioteca Digital SEADE², Biblioteca Digital Luso-Brasileira a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, além dos arquivos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Sem a disponibilização online e gratuita destas obras, este trabalho de pesquisa não seria possível uma vez que se tratam de volumes raros e esgotados tendo sido publicados, em sua maior parte, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

3. Resultados e discussão

Francisco Marins nasceu na Vila da Prata, atual Pratânia, em 23 de novembro de 1922. Filho e neto de pequenos agricultores, frequentou os primeiros anos do antigo ensino primário em escola rural. Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo em 1946 (DALLANORA, 2010).

² Fundação Sistema estadual de Análise de Dados. <https://www.seade.gov.br/>.

Seu primeiro texto publicado foi a novela "O Tesouro", escrita em 1937 e ilustrada por Oswaldo Storni. O trabalho rendeu a Marins seu primeiro prêmio literário pela revista "O Malho", estabelecendo o início da relação entre o escritor e o artista. Posteriormente, Storni seria responsável por ilustrar todos os livros de Marins (SOUZA, 2001).

Integrou a Academia de Letras da Faculdade, o que lhe proporcionou o contato com acadêmicos e intelectuais da época e a oportunidade de publicação de artigos em jornais e revistas que se voltavam, sobretudo, à discussão da identidade do povo e do desbravamento do oeste brasileiro.

Nesta mesma época, Marins escreveu notas sobre as publicações da Companhia Melhoramentos de São Paulo com circulação na imprensa paulista, sendo posteriormente convidado para trabalhar na editora sob a tutela Lourenço Filho³, educador pioneiro do movimento da Escola Nova⁴ que viria influenciar seu pensamento e também a sua produção literária (DALLANORA, 2010). A influência de Lourenço Filho na obra de Marins deve ser ainda considerada a partir da perspectiva deste como um dos expoentes da produção e da análise da história, teoria e crítica da literatura infantil e juvenil (BERTOLETTI, 2012).

Em seus livros, Marins entrelaça os fios da história e da ficção, tendo como temas fundamentais os fatos históricos brasileiros enfocando, particularmente, a expansão territorial paulista decorrente da ação dos bandeirantes e a decadência da cultura cafeeira no interior do estado de São Paulo (SOUZA, 2001). Para Leonardo Arroyo⁵, o escritor aborda com rara habilidade literária temas genuinamente brasileiros, tornando a história tão fantástica quanto às próprias aventuras imaginárias (MARINS, 1958).

³ Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) foi um educador e pedagogo brasileiro conhecido por sua participação no movimento dos pioneiros da Escola Nova. Buscou a transformação e a organização da sociedade brasileira de modo a engajá-la nas mudanças sociais que acompanhavam os processos acelerados de modernização a partir da década de 1920 (COELHO, 2014).

⁴ No final do século XIX, devido aos desenvolvimentos científicos da Biologia e da Psicologia, que apresentaram uma nova compreensão das necessidades da infância, surge na Europa e nos Estados Unidos, um novo movimento de renovação do ensino denominado de Escola Nova ou Educação Progressiva. Representando um conjunto de ideias e realizações voltadas para a renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas, esse movimento propôs um novo método de ensino pautado na relação ensino-aprendizagem. A Escola Nova visava fazer da escola um espaço irradiador do progresso e do desenvolvimento nacional (FIGUEIRA, 2010).

⁵ Leonardo Arroyo (1918-1986) foi jornalista, contista, ensaísta, autor de livros infantis e poeta. Dentre seus livros publicados está "Literatura infantil brasileira", lançado originalmente em 1968 e uma das principais referências para estudiosos do tema (ASSIS, 2016).

Francisco Marins faleceu em 10 de abril de 2016 e sua memória tem sido paulatinamente perdida. A antiga residência do escritor em Botucatu, sede da Academia Botucatuense de Letras e do Espaço Cultural "Convivium", foi demolida em 2020⁶ (FOGUEAL, 2020).

3.1. História e literatura brasileiras nas obras de Francisco Marins

Algumas das obras de Francisco Marins se caracterizam por utilizar eventos históricos como fundo para as narrativas fictícias. São elas: *Viagem ao mundo desconhecido: A fabulosa aventura de Fernão de Magalhães* (1951), *Expedição aos Martírios* (1952), *A Aldeia Sagrada* (1953), *Território de Bravos* (1954), *Volta à Serra Misteriosa* (1956) e *O Bugre-do-Chapéu-de-Anta* (1958).

Com exceção da trilogia do Roteiro dos Martírios e de "A Aldeia Sagrada", as demais obras seguem como parte da série Taquara-Póca, tendo os personagens e a escola do sítio como elo de ligação. Assim, por meio do Professor Justino, "Viagem ao mundo desconhecido" aborda as viagens de Fernão de Magalhães e "Território de bravos" dramatiza a vida de Plácido de Castro e seu papel na anexação do território do Acre ao Brasil.

No livro "A Aldeia Sagrada", Marins remete à "Os Sertões" (1902) de Euclides da Cunha e "Vidas Secas" (1938) de Graciliano Ramos para mesclar em sua narrativa sobre Didico, um órfão retirante, a história da Guerra de Canudos e a questão da seca no nordeste brasileiro. Integrada à história de Didico, temos o relato da descoberta e transporte do meteorito Bendegó do interior baiano até a capital do país, Rio de Janeiro.

3.2. As obras de Francisco de Marins e o mercado editorial brasileiro de literatura infantojuvenil

A literatura infantil brasileira sofreu rápido crescimento a partir das décadas de 1940 e 1950 respondendo às crescentes exigências do mercado consumidor em expansão e refletindo o processo de modernização da sociedade brasileira. Tal panorama proporcionou avanços no ramo editorial, tanto no que tange a avanços tecnológicos como no aumento do consumo, resultando na profissionalização e especiali-

⁶ Notícias Botucatu (19 de agosto de 2020). História de Botucatu se perde após demolição de casarão onde morou Francisco Marins.

zação de escritores e editoras direcionados à literatura para infância que se esforçaram por atender às demandas do mercado (CUNHA, 2014).

Considerado o escritor que mais vendeu livros infantis depois de Monteiro Lobato, foi em 1945 com "Nas terras do Rei Café" que Francisco Marins ganhou visibilidade no campo literário. Indicado como "excelente recurso para o aperfeiçoamento da linguagem", pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o livro foi inserido no promissor mercado do livro didático dos anos 1940 no âmbito do Estado Novo de Getúlio Vargas, quando as publicações infantis se caracterizavam pelo direcionamento didático e pedagógico. Souza (2001) avalia que os livros das séries Taquara-Póca e Roteiro dos Martírios tiveram mais de 2.100.000 exemplares vendidos, contados de suas primeiras publicações nas décadas de 1940 e 1950 até 2001, ano em que finalizou seu estudo sobre a obra infantojuvenil do autor.

Dallanora (2010) a partir do estudo de Coelho (1987) aponta a existência de períodos distintos da literatura infantil e juvenil brasileira. Monteiro Lobato pertenceria ao Primeiro Período (1920-1945), considerado didático moralista e, Marins, ao Segundo Período (1945-1960), caracterizado pelo realismo documental. Embora os escritores não pertençam ao mesmo período convencionalizado, suas obras são apontadas como didáticas e pedagógicas, perspectiva que corresponde à influência de Lourenço Filho na obra de Marins.

Para Lajolo e Zilberman (2007), nesta época em que o Brasil caminha na direção de um projeto de modernização industrial e de avanço do capitalismo no campo, a literatura infantil torna-se porta-voz de uma política econômica que considera a agricultura a viga mestra de sustentação financeira do país, e o homem do campo, seu principal agente. Marins com seus livros sobre Taquara-Póca se junta a este esforço de integração do campo à modernidade industrial, focado na sobrevivência da pequena propriedade por meio da modernização da produção com a adoção insumos químicos e novas técnicas de cultivo (DALLANORA, 2010).

Ainda dentro da proposta didático pedagógica da literatura infantojuvenil do período, o passado colonial brasileiro foi tema recorrente de inúmeros autores, não apenas por fornecer material de cunho histórico, mas por corresponder às exigências de ação e aventura próprias ao gênero. Essas narrativas se afinam a um fenômeno da época: a ocupação de regiões do Brasil até então intocadas e, portanto, não integra-

das às diretrizes econômicas do país. A transfiguração desse projeto numa mitologia que reunisse elementos históricos e imaginários é uma tarefa assumida pela literatura infantil, contribuindo para a divulgação desses ideais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Além disso, o tema se beneficiava do livre trânsito na escola das décadas de 1940 e 1950 com uma notável particularidade: a preferência pela história dos bandeirantes⁷.

Mas após décadas de expansão, o mercado do livro infantojuvenil começou a sentir os efeitos da revolução cultural e tecnológica, observada mais fortemente no Brasil a partir da década de 1960, com a popularização de novas formas de entretenimento de massa e a conseqüente retração do mercado (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Para Cunha (2014), a literatura infantil das décadas de 1940 e 1950 ressentia-se do conservadorismo e do predomínio da perspectiva moralista e pedagógica, acarretando na diluição dos valores estéticos e na conseqüente perda de interesse do público consumidor. Assim, a partir das novas perspectivas institucionais e de mercado, os autores optaram por novas formas de narrativa, elegendo novos temas e abandonando a tradição didática que resultou no chamado "boom" da literatura infantojuvenil das décadas de 1970 e 1980.

No entanto, dentro desta nova realidade, as publicações de Marins se encontravam em relativa desvantagem no mercado, uma vez que a temática de suas obras se mostrava distante da realidade do jovem leitor urbano. O Brasil de 1945, ano em que publicou seu primeiro livro, era definitivamente diferente do Brasil dos anos 1980, onde o vínculo com o campo havia sido profundamente impactado pela rápida industrialização do país e pelo êxodo rural no âmbito do processo de modernização no campo.

Nesse sentido, é possível verificar alterações significativas realizadas tanto pelas editoras como pelo próprio autor que apontam para uma tentativa de adaptação das publicações frente à nova realidade do mercado. Assim encontramos, a partir da década de 1980, edições reduzidas em conteúdo e formato, com textos mais concisos, novas ilustrações (SOUZA, 2001) e a eliminação dos episódios históricos.

⁷ Tornando o bandeirante o modelo para a construção dos heróis, os livros encampam temas que se desprendem da história: o alargamento do território nacional e a abundância natural do Brasil, fonte inesgotável de riqueza. Assim, ao promover a transfiguração dos acontecimentos passados em propaganda nacionalista, contribuem para a difusão de alguns mitos, como os do heroísmo inato dos bandeirantes, líderes que contribuíram de forma não proposital para a expansão territorial brasileira (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Prestes a completar oitenta anos no mercado da literatura brasileira, a obra de Francisco Marins permanece viva, tendo sobrevivido com sucesso à diversos ciclos de expansão e retração do mercado editorial, crises econômicas, revoluções culturais e políticas. Reflexo de sua perenidade a Amazon, loja líder mundial do E-commerce, oferece em seu catálogo mais de uma dezena de livros do autor com destaque para as edições mais recentes das publicações direcionadas ao público jovem.

3.3. Sinopses dos livros

Publicado em 1952, "Expedição aos Martírios" inaugura a chamada trilogia do Roteiro dos Martírios, posteriormente completada pelos livros "Volta à Serra Misteriosa" (1956) e "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta" (1958). O tema central das narrativas é a busca pelas lendárias minas dos Martírios que impulsionou levadas de aventureiros ao sertão inexplorado do Brasil.

Os livros são narrados em primeira pessoa sob a forma das reminiscências de Tônico, menino tropeiro que vive na vila de São Paulo de Piratininga no ano de 1924. Órfão de pai, Tônico trabalha no transporte de mercadorias pelos perigosos caminhos da Serra do Mar. O núcleo familiar é formado pela mãe, Donana e pelo Tio Juvenal, frequentemente perdido em aventuras pelo sertão.

Em "Expedição aos Martírios" Tônico vê seu tio partir em busca das lendárias minas de ouro na companhia do Bugre-do-Chapéu-de-Anta, mestiço de má reputação. Passados anos da partida e sem notícias de Juvenal, o tropeiro e amigo da família Oscar Perova leva Tônico a Porto Feliz, tradicional porto de partida das bandeiras paulistas, em busca de trabalho pois dali sairia uma expedição científica e exploratória para o interior do Brasil. Durante a noite, dão abrigo a um menino indígena escravizado, Pixuíra, e decidem partir como integrantes da Expedição do Barão Langsdorff em direção à Cuiabá onde esperam encontrar notícias de Juvenal.

Com a presença sinistra do Bugre a lhes acompanhar, resolvem alcançar a aldeia de Pixuíra em busca de Juvenal e, após semanas de penosa caminhada, o encontram perdido e enlouquecido no arraial abandonado de Amaro Leite Moreira. Enquanto se recuperam para o regresso, são capturados pelo Bugre-do-Chapéu-de-Anta que os aprisiona em uma mina abandonada. Graças a ajuda de um indígena centenário, Muiraquitã, conseguem escapar e decidem então voltar à civilização le-

vando Juvenal e o ancião que carrega consigo uma panelinha de barro gravada com estranhos sinais.

Após vagarem semanas sem rumo nas matas guiados por Muiraquitã, este revela que os está levando às minas lendárias das quais só ele sabe o caminho. Um dia testemunham um cenário macabro: no fundo de um vale se encontram as ossadas de vários homens, vítimas do ataque de índios da região. Pendurado em um arbusto, balança ao vento um chapéu de couro de anta. Abalados, tomam de uma canoa e descem um rio desconhecido até serem apanhados por forte tempestade. Entre raios e relâmpagos em sequência, presenciam um incrível espetáculo: “Na sucessão das faíscas que estralavam ameaçadoramente no céu, vimos distante uma montanha azulada e as rochas descomunais de uma cidade ciclópica. As pedras pareciam sinos gigantescos, escadas, torres, cravos (...)”.⁸

Nesse instante Juvenal tem um breve momento de lucidez, mas, emocionado com a visão dos Martírios, desequilibra a canoa lançando todos na água. Tônico é salvo por Perova e Pixuíra e constata que somente os três sobreviveram. Milagrosamente, no fundo na canoa ainda está a panelinha de Muiraquitã. Os Martírios permaneceriam intocados com suas riquezas e mistérios.

“Expedição aos Martírios” ainda não apresenta as narrativas históricas paralelas que serão características dos livros subsequentes, embora faça menções introdutórias aos Martírios e aos Bandeirantes Antônio Pires de Campos e Bartolomeu Bueno da Silva Júnior à partir de referências do Padre José Manuel de Siqueira e de viajantes do Brasil colonial como Karl von den Steinen.

“Volta à Serra Misteriosa” retoma a história de Tônico, Perova e Pixuíra que, perdidos na selva, tentam voltar à civilização em meio à fome, sede e doenças quando finalmente atingem a aldeia dos Caçunungas. A tribo rapidamente reconhece a panelinha de Muiraquitã como um objeto sagrado onde está gravado o roteiro para as minas dos Martírios. O portador da relíquia, Pixuíra, deveria ser o próximo líder da aldeia mas o pajé, desejoso de poder, os acusa de terem assassinado Muiraquitã. Pixuíra deveria, portanto, provar por meio de provas de inteligência, coragem e força, ser de fato merecedor da posição de cacique. Após vencer com perícia os desafios

⁸ Expedição aos Martírios (MARINS, 1952, p. 131).

impostos pelo ambicioso pajé, Pixuíra sela a paz com a tribo dos Motucas se tornando o novo Cacique dos Caçunungas.

Neste livro Marins introduz a narrativa histórica impressa em tipos diferentes para contar a história do Arraial de Amaro Leite Moreira nos Araés e do Bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Júnior em sua jornada pelo interior do Brasil em busca dos Martírios. Em uma narrativa paralela, Tônico e Perova se juntam a uma expedição militar de abastecimento com destino ao Forte do Príncipe da Beira⁹.

No terceiro e último livro da série, "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta" de 1958, encontramos Tônico e Perova vivendo pacatamente em Goiás quando Pixuíra os encontra com terríveis notícias: a panelinha de Muiraquitã, desapareceu e uma enorme onça pintada, chamada pelos índios de gato rajado, passou a atacar sistematicamente a aldeia. Para espanto de Tônico e Perova, o cacique dos Caçunungas revela que ao lado dos rastros do animal encontrara sinais de chinelas de couro como as usadas pelo Bugre-do-Chapéu-de-Anta.

Na aldeia dos Caçunungas, saem à caça do gato rajado e conseguem seguir os rastros do perigoso animal até uma fantástica região formada por enormes pedras a semelhança de uma cidade de gigantes. Ali, descobrem que o Bugre de fato estava vivo e que enloquecera com a solidão, tendo desenvolvido estranha ligação com o animal assassino. A panelinha, escondida pelo velho Cacique no alto de uma montanha, é encontrada, mas o Bugre incendeia a mata procurando atingir seus inimigos. Encurralado pelas chamas sopradas pelo vento, o Bugre perece junto com o gato rajado. Durante a fuga, a panelinha é irremediavelmente perdida. Os Martírios permaneceriam para sempre distantes da cobiça dos homens.

A narrativa histórica do último volume da série retoma a história de Bartolomeu Bueno da Silva Júnior, o segundo Anhanguera, após o retorno de sua jornada ao sertão em busca dos Martírios e de sua luta frente ao governo de Portugal para fazer valer os direitos de exploração das riquezas encontradas.

⁹ Considerado a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa, o Forte do Príncipe da Beira foi inaugurado em 20 de agosto de 1783 na margem direita do rio Guaporé em Rondônia e batizado em homenagem a dom José de Bragança, o Príncipe da Beira. Empreendimento de imenso custo, a construção do forte representava uma iniciativa da coroa portuguesa e da política do Marquês de Pombal para proteger as fronteiras do centro-oeste do Brasil nas disputas com a Espanha (SILVA, 2019). Em "Volta à Serra Misteriosa", Oswaldo Storni retrata o portal do Forte já abandonado e tomado pela vegetação. O artista provavelmente se valeu de fotos de sua redescoberta em 1913, data posterior aos eventos do livro que ocorrem em 1830. Embora Barcelos (2018) registre que em 1815 o abandono do forte já era sentido, foi apenas após a Proclamação da República em 1889 que este foi definitivamente desativado.

3.4. Referências históricas e literárias na trilogia dos Martírios de Francisco Marins

Para fins de análise do referencial teórico utilizado por Marins na criação da trilogia do Roteiro dos Martírios e, uma vez que o presente estudo não tem o objetivo de realizar uma investigação aprofundada sobre cada uma das fontes referenciadas, a pesquisa buscou dividi-los em grupos específicos no que diz respeito à data da publicação e à natureza temática dos títulos. Também fazem parte das referências teóricas, artigos publicados no século XIX pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Alguns dos títulos mencionados por Marins no apêndice dos livros foram simplificados pelo autor e não correspondem de forma exata ao título original das obras.

No primeiro grupo foram incluídas obras do século XIX escritas por brasileiros e, principalmente, por estrangeiros viajantes e integrantes de expedições científicas que, pela primeira vez em séculos, tinham permissão para visitar o Brasil colonial. Chamamos este grupo de "Obras do século XIX – Expedições científicas e exploratórias" (Tabela 1).

Tabela 1 - Obras do século XIX, Expedições científicas e exploratórias no Brasil colonial

Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas – Hercule Florence – 1829

Viagem ao Interior do Brasil – João Emanuel Pohl – 1832

Revista do Instituto Histórico Brasileiro – Tomos IX 1847 e XXXVIII 2ª Edição 1869

Viagem ao Araguaia – General Couto de Magalhães – 1863

O Selvagem – Gal. Couto de Magalhães – 1876

Viagem ao Redor do Brasil – João Severiano da Fonseca – 1880

O Brasil Central – Dr. Karl von den Steinen – 1886

A Cidade do Ouro e das Ruínas – Visconde de Taunay – 1891

Goiás – Visconde de Taunay – 1891

Entre os aborígenes do Brasil Central – Dr. Karl von den Steinen – 1894

Fonte: Marins (1952), Marins (1956)

No segundo grupo encontramos os principais referenciais históricos utilizados por Francisco Marins em suas narrativas históricas e fictícias. Chamamos este grupo

de “Obras da primeira metade do século XX – Construção da memória e da historiografia bandeirante” (Tabela 2).

Tabela 2 - Obras da primeira metade do século XX – Construção da memória e da historiografia bandeirante

Datas mato-grossenses – E. Mendonça – 1919

História Geral das Bandeiras Paulistas – Affonso de E. Taunay - 1924 -1950

As Raias de Mato Grosso – Virgílio Correia Filho – 1924

Vida e Morte do Bandeirante – Alcântara Machado - 1929¹⁰

Capitania Paulista – Washington Luís – 1938

No tempo dos Bandeirantes – Belmonte – 1939

História das Fronteiras do Brasil – Hélio Vianna – 1948

Apontamentos Históricos da Província de São Paulo – Azevedo Marques – 1952

Relatos Monçoeiros – Affonso de E. Taunay – 1953

Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil – Francisco de Assis Carvalho Franco – 1953

Fonte: Marins (1952), Marins (1956).

“Relatos de sertanistas no caminho da Expedição Roncador-Xingu¹¹” é o terceiro grupo proposto e se constitui de relatos e diários, muitas vezes autobiográficos, de autores que direta ou indiretamente participaram da chamada “Marcha para o Oeste” (Tabela 3).

Tabela 3 - Relatos de sertanistas no caminho da Expedição Roncador-Xingu

Pelos sertões do Brasil – Cel. Amílcar A. Botelho Magalhães - 1941

Encantos do Oeste – Agenor Couto de Magalhães - 1945

Terras e Índios do Alto Xingu – Manuel Rodrigues Ferreira - 1952

Entre os Índios do Xingu – Ayres Câmara Cunha - 1960

Fonte: Marins (1952), Marins (1956).

¹⁰ Nos anos 1920 e 1930 houve um incremento na produção de obras de história sobre o passado colonial de São Paulo. Impulsionados pela publicação de documentos antigos, diversos autores elaboraram suas versões sobre a história dos bandeirantes. Entre eles estava Alcântara Machado (1875-1941) que com seu livro “Vida e morte do Bandeirante” se insere na tradição historiográfica de escritos sobre o passado paulista (VALLE, 2015).

¹¹ Até a década de 1940 a ocupação das regiões Norte e Centro-Oeste, já habitadas por povos indígenas, constituía um desafio para o governo central. Mapear e colonizar essas regiões, reeditando a empreitada dos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII, era um dos objetivos do Estado Novo (1937-1945) instaurado por Getúlio Vargas. O projeto de interiorização do desenvolvimento, que se denominou Marcha para o Oeste, pretendia criar novas vias de comunicação e fixar núcleos populacionais com a construção de escolas, hospitais, estradas, ferrovias e aeroportos no interior. Gerenciada pela Fundação Brasil Central, a Expedição Roncador-Xingu representou a principal frente do projeto, culminando com a criação do Parque Indígena do Xingu (BRUNIERI, 2015; GALVÃO, 2011).

Finalmente, classificamos um único volume como “Romance histórico”. Trata-se de “O Ouro de Cuiabá” de Paulo Setúbal¹², publicado em 1933 (Tabela 4).

Tabela 4 - Romances históricos

O Ouro de Cuiabá – Paulo Setúbal - 1933

Fonte: Marins (1952), Marins (1956).

3.5. Obras do século XIX - Expedições científicas e exploratórias no Brasil colonial

As expedições artísticas e científicas no Brasil colonial, em geral organizadas e integradas por estrangeiros, tiveram no século XIX o seu momento de maior expansão. Até os séculos XVI e XVII a descoberta e a pesquisa científicas realizaram-se de modo esporádico e as informações sobre o Brasil se resumiam a relatos de aventureiros e exploradores. A partir do século XVIII, viagens exploratórias inspiradas pelo iluminismo passaram a apresentar uma visão mais próxima da ciência buscando identificar potencialidades econômicas para Portugal, identificando espécies da flora e fauna, mapeando rios e levantando dados mais precisos para a delimitação de fronteiras (ELIAS et al, 2018; ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017)

O ano de 1808 é o marco inicial da história da investigação científica nacional com a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. A abertura dos portos nesse ano revoga a restrição das viagens de estrangeiros pelo país e expedições artísticas e científicas são realizadas para registrar e coletar espécimes naturais e objetos, sendo que parte deles é encaminhado à museus e instituições européias iniciando um ciclo de viagens e missões científicas que dão impulso ao desenvolvimento artístico e científico no Brasil.

É dentro deste novo panorama que homens como o naturalista inglês Charles Darwin, o botânico August de Saint-Hilaire, o médico e explorador Karl von den Steinen e João Emanuel Pohl, chegam ao Brasil para registrar aspectos de sua população, território e riquezas naturais.

¹² Paulo Setúbal de Oliveira (1893-1934), advogado, jornalista, ensaísta, poeta e romancista. Membro da Academia Brasileira de Letras. Destaca-se pelo gênero do romance histórico. Sabia como romancear os fatos do passado tornando-os vivos e agradáveis à leitura. Os sucessivos livros que escreveu sobre o ciclo das bandeiras tinham o sentido social de levantar o orgulho dos paulistas na fase pós-Revolução constitucionalista de 1932) (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2022).

Neste grupo também foram incluídos os relatos do Padre José Manoel de Siqueira, "Memórias a respeito do descobrimento dos Martírios", publicadas originalmente em 1847 na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e as referências do Visconde de Taunay¹³ aos Martírios encontradas em "A Província de Goyaz na Exposição Nacional de 1875" de 1876, relato em forma de reportagem sobre a história, riquezas minerais, fauna, flora e rios de Goiás, apresentado uma análise da Região assim como seu projeto pessoal para futuro para a província.

Obras da primeira metade do século XX - A Construção da memória e da historiografia bandeirante

"A história da Capitania de São Vicente será a história geral do Brasil".¹⁴

"O espírito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brasileira e São Paulo, esse foco de lendas e tradições, o coração do país".¹⁵

Vários autores se ocuparam, na primeira metade do século XX, por recuperar e resgatar parte da história do Brasil, em particular a que se refere as entradas e bandeiras e a ocupação e desbravamento do interior do país. Encabeçados por Afonso Taunay¹⁶, foram responsáveis por construir a memória e a historiografia dos bandeirantes e da expansão do território nacional.

Para Anhezini (2021), estes esforços de produção do conhecimento histórico estão representados na publicação do livro *Curso de Bandeirologia* que recebeu a contribuição de muitos historiadores vinculados em grande parte ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao Museu Paulista, Academia Paulista de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Academia Brasileira de Letras.

¹³ Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (1843-1899). Militar, escritor, artista, músico e político durante o Brasil Império. Descendente direto de Nicolas Antoine Taunay que chegou ao Brasil como integrante da Missão Artística Francesa que acompanhava a Imperatriz Leopoldina. Escritor integrante do romantismo brasileiro, é autor de "Inocência" de 1872. Pai de Afonso d'Escragnolle Taunay. (CRUZ, 2012).

¹⁴ Anais da Província de São Paulo - Visconde de São Leopoldo (MARQUES, 1976, p. 6).

¹⁵ O Brasil e as Colônias - Oliveira Martins (WASHINGTON LUIS, 1938, p. 7).

¹⁶ Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958). Membro de Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, professor da Universidade de São Paulo e Diretor do Museu Paulista. Filho do Visconde de Taunay, neto do pintor Félix-Émile Taunay e bisneto do pintor francês Nicolas-Antoine Taunay (ANHEZINI, 2011). Sua produção sobre a memória bandeirante foi influenciada por Capistrano de Abreu, Washington Luís, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus e Auguste de Saint-Hilaire (OLIVEIRA JR, 1994).

De acordo com Schneider (2019), os autores desta história da construção do conhecimento sobre as bandeiras paulistas se inseriam numa complexa rede de sociabilidade nacional, onde o tema da expansão para o oeste na primeira metade do século XX foi constantemente perseguido. Durante o período da Primeira República, o desenvolvimento da província de São Paulo como principal centro econômico do país, vinculado à agroexportação cafeeira e a criação de uma matriz industrial, trouxeram à tona para a elite intelectual paulista a relevância da afirmação da importância da história de São Paulo na consolidação das propostas republicanas, levando a produção de uma narrativa que justificasse essa posição de predomínio político e econômico sobre a nação. No momento em que se procurava romper com o atraso material brasileiro, a província apresentava-se como original exemplo de progresso material (FERRETI, 2004; COPPES JUNIOR, 2016).

Nesse sentido, o ano de 1922 representou um importante salto a fim de se estender para o campo cultural e histórico a influência que o estado já exercia na política e na economia brasileira. Eventos como as comemorações do centenário da Independência e a Semana de Arte Moderna uniram artistas, intelectuais e acadêmicos vinculados ao ideário modernista, responsáveis em grande parte pela historiografia de São Paulo em torno de sua promoção ao status de locomotiva econômica do país a partir da imagem do bandeirante empreendedor, desbravador de riquezas e responsável pela expansão territorial do Brasil (SODRÉ, 2016).

As comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo em 1954 foram um marco da história do município, com a inauguração de monumentos como o Parque do Ibirapuera, o Monumento as Bandeiras e a Catedral da Sé, palco do início das festividades em 9 de julho, data que, não por acaso, marca o início da Revolução Constitucionalista de 1932, outro símbolo do espírito paulista que se pretendia destacar (SILVA; BERLINI, 2016).

Data deste período a republicação de obras ligadas ao tema em edições comemorativas do IV Centenário da fundação de São Paulo como a "Biblioteca Histórica Paulista" impressa pela Livraria Martins Editora S/A e organizada por Affonso Taunay em 13 volumes, com obras de Pedro Taques, Frei Gaspar, Azevedo Marques e do próprio Affonso Taunay e o "Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil" de Francisco de Assis Carvalho Franco. "História das Bandeiras Paulistas" de Affonso

Taunay, publicada originalmente em onze volumes, foi republicada pela Melhoramentos em três volumes por ocasião das comemorações do IV Centenário conforme introdução do autor:

A aproximação da efeméride gloriosa de 1954 levou-me a considerar que, ao se comemorar a passagem do quarto centenário da fundação da capital das bandeiras, conveniente seria proporcionar ao público uma exposição, abreviada, dos feitos daqueles que... pelo Brasil com forte braço/ Ganharam os sertões de imenso espaço/ Para o ânimo seu inda pequenos.¹⁷

3.6. Manoel Rodrigues Ferreira e a busca pelos Martírios além da lenda

Os primeiros relatos sobre os Martírios, lendárias minas onde o ouro, são provenientes das expedições de Manuel de Campo Bicudo e de Bartolomeu Bueno da Silva que entre os anos de 1723 e 1725 adentraram as terras do Brasil Central em busca da captura e escravização de indígenas destinados ao trabalho nas lavouras do planalto paulista. Ferreira (1952) realizou extenso estudo sobre o tema reunidos no livro "Terras e índios do Alto Xingu". Algumas versões sobre os Martírios relatam que se trata se uma serra com formações rochosas semelhantes aos elementos dos martírios de Cristo no calvário com as formas de cravos, coroas, galo, cruz, escadas. Outras versões citam inscrições em pedra com os motivos da paixão de Cristo. Ferreira (1952) aponta que os relatos inicialmente orais dos bandeirantes sofreram alterações ao longo do tempo tendo elementos suprimidos e incorporados.

Historiador, jornalista, engenheiro, professor, fotógrafo documentarista e escritor brasileiro, Manoel Rodrigues Ferreira (1915-2010) foi um incansável investigador da história das bandeiras paulistas e da lenda das Minas dos Martírios. Pioneiro em jornadas para cobertura jornalística pelo interior do Brasil, participou da Expedição Rocador-Xingu e se tornou amigo de Orlando Villas-Bôas, participando da criação do Parque Indígena. Seu documentário de 1949 apresentado no Museu de arte Moderna de São Paulo, "Aspectos do Alto do Xingu", é considerado o primeiro filme cinematográfico colorido realizado no Brasil. Trocou correspondência com intelectuais como Stephen Hawking e Câmara Cascudo (JOTABÊ, 2013; FERREIRA, 2005).

¹⁷ História das Bandeiras Paulistas, Tomo I (TAUNAY, 1950, p. 1-2).

Tornou-se historiador por vocação enquanto conhecia a região do Brasil central e se interessou pela pesquisa sobre os bandeirantes paulistas e a lenda dos Martírios. Ferreira relata em sua autobiografia:

Em 1945, quando estive com a Bandeira Mackenzie no Brasil Central, subimos o Rio das Mortes até um local denominado Araés, antiga vila fundada exatamente duzentos anos antes, isto é, em 1745 por Bandeirantes, que a abandonaram em 1789. Ali estávamos pois em 1945, no Araés, onde nada mais havia, senão vestígios das catas de ouro e da presença dos índios Xavante. Fiquei profundamente impressionado, emocionado com o que via, por isso, quando voltei a São Paulo, decidi conhecer a História do Araés. Eu começava pois a fazer pesquisa histórica, estava me tornando um historiador sem saber. Mas a História do Araés, levou-me a outra história, o enigma dos Martírios, legado pelos Bandeirantes. Descobri que os Martírios ficavam no Rio Paraupava, um rio que nem o historiador Pedro Taques de Almeida Pais Leme soubera onde ficava. Mas resolvi, não obstante, pesquisar. Doze anos depois, em Janeiro de 1958, estando certo dia na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao comparar dois documentos da Bandeira de André Fernandes (1613-1615), levei um susto e exclamei emocionado: - Rio Paraupava era o nome do hoje Rio Araguaia! Eu resolvera assim, o velho enigma deixado pelos Bandeirantes: - Os Martírios ficam no Rio Araguaia! Abria-se para mim uma nova era na História das Bandeiras Paulistas [...]. E continuei as minhas pesquisas visando a descobrir em que local do Rio Araguaia ficavam os Martírios.¹⁸

Manoel Rodrigues Ferreira de fato localizou as inscrições que deram origem ao mito das minas dos martírios. Estas se encontram na região do atual Parque Estadual de Serra dos Martírios/Andorinhas, também projeto do escritor. Pereira (2008) e Nunes e Leite (2012), publicaram pesquisas detalhadas sobre as inscrições que se localizam no Estado do Pará, levantando o potencial arqueológico da região e os potenciais riscos para o patrimônio histórico. Além do georreferenciamento do sítio arqueológico, as pesquisas apresentam um rico banco de imagens.

Foi a partir dos artigos escritos para o jornal "A Gazeta" que Ferreira publicou seu livro mais conhecido, "A Ferrovia do Diabo. História da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré" de 1962, a partir da sugestão de publicação de Francisco Marins, então Editor Chefe da Melhoramentos (FERREIRA, 2005; JOTABÊ, 2013). A estreita relação do livro de Ferreira, "Terras e índios do Alto Xingu", com a obra de Francisco Marins, es-

¹⁸ Autobiobiografia (FERREIRA, 2005, p. 31 e 32).

pecificamente no que tange aos livros que integram a trilogia dos Martírios, é registrada em sua autobiografia:

Francisco Marins, escritor, em seu conhecido livro de ficção para a juventude, *Expedição aos Martírios* de 1952, assim o ofereceu-me: Ao prezado amigo Manoel Rodrigues Ferreira que, com seu magistral livro sobre o Xingu e os Martírios, tornou possível esta novela. Um abraço do Francisco Marins. S.P. 31/07/1952.¹⁹

Em seu livro mais recente [...] Francisco Marins ofereceu-me um exemplar com os dizeres: Ao meu estimado Manoel Rodrigues Ferreira que, com seus belos e aprofundados estudos e sua busca pessoal dos Martírios, inspirou estas narrativas desprentensiosas, mas que, certamente, divulgam entre os jovens, o tema que você tão bem vem tratando. Homenagem e abraços do Francisco Marins 1995.²⁰

São inequívocas as similaridades entre as obras de Marins e o livro de Ferreira, tanto na estruturação dos capítulos e na temática das narrativas como na caracterização dos personagens e paisagens. As edições de bolso de *Expedição aos Martírios* de 1980 trazem como apêndice as reproduções das inscrições encontradas no Parque Estadual de Serra dos Martírios/Andorinhas com referência à pesquisa de Manoel Ferreira.

O livro de Ferreira é segmentado em duas partes. A primeira, *Terras dos Martírios*, é resultado da pesquisa detalhada do autor sobre o avanço dos paulistas em direção ao norte do país com a descoberta e exploração das primeiras lavras de ouro de Goiás e Cuiabá. Em ordem cronológica, os eventos históricos são descritos conforme Prefácio da obra: "Quando julguei oportuno, procurei dar certo colorido à descrição, o que, entretanto, não altera o rigor com que me ative aos fatos históricos."²¹

Marins se baseou fortemente neste segmento do livro de Ferreira para a criação das narrativas históricas transpondo passagens inteiras, com uma nova leitura e adaptadas para o público jovem, para sua trilogia cujo primeiro livro *Expedição aos Martírios*, foi publicado no mesmo ano, 1952, de *Terras e índios do Alto Xingu* tendo como editor de ambos na Melhoramentos o próprio Marins.

A segunda parte de *Terras e índios do Alto Xingu* relata a experiência de Manoel Ferreira em sua viagem à região central do Brasil, documentando a cultura e

¹⁹ Autobiobiografia (FERREIRA, 2005, p. 92).

²⁰ Autobiobiografia (FERREIRA, 2005, p. 92).

²¹ *Terras e índios do Alto Xingu* (FERREIRA, 1952, p. 7).

os costumes dos indígenas enriquecida com farto material fotográfico. No segmento, encontramos aspectos específicos dos povos indígenas abordados por Francisco Marins nos livros "Volta à Serra Misteriosa" e "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta" como a pesca com o cipó timbó, ritos religiosos, organização social, além da caracterização da paisagem, dos indivíduos, instrumentos musicais, ferramentas e habitações materializados nas ilustrações de Oswaldo Storni.

Ferreira inclui ainda como Apêndice do livro, o relato de Hercule Florence²² sobre a Chapada dos Guimarães que serviu como inspiração para a cidade de pedras presente no livro "O Bugre-do-Chapéu-de-Anta".

3.7. As ilustrações de Oswaldo Storni: dando vida aos personagens e às principais cenas

A Oswaldo Storni que fez viver os tipos e as cenas principais.²³

A relação entre o escritor Francisco Marins e Oswaldo Storni começou com a publicação da novela "O Tesouro" em 1937 e se consolidou posteriormente quando o artista se tornou funcionário efetivo da Editora Melhoramentos quando se ligou de forma definitiva às publicações da empresa.

Senhor de uma técnica apurada nos desenhos em preto e branco a bico de pena (CARDOSO, 2013) suas ilustrações remetem às épicas pranchas de Gustave Doré no contraste entre luz e sombra, exatidão anatômica, perspectiva, dinamismo e dramaticidade. Exímio paisagista, Storni criou para as publicações da Melhoramentos cenários paradoxais, capazes de levar o leitor como passageiro em uma pequena canoa que desliza monotonamente na imensidão dos rios do Brasil central ou como prisioneiro do interior úmido e claustrofóbico das matas virgens em uma perfeita sintonia entre texto e imagem.

Nascido no Rio de Janeiro em 1909, Oswaldo Storni iniciou sua atividade profissional aos 16 anos de idade e, embora não tivesse estudado desenho regularmente, era filho de Alfredo Storni, um mestre da caricatura. Como o pai, foi um dos mais importantes artistas de "O Malho" e de "O Tico-Tico", pioneira publicação infantil

²² Terras e índios do Alto Xingu (FERREIRA, 1952, p. 147-150).

²³ O Bugre-do-Chapéu-de-Anta (MARINS, 1958, p. 5).

surgida em 1905, criando uma enorme gama de personagens além elaborar capas e quadrinizar heróis como o Tarzan de Edgar Rice Burroughs (DOURADO, 2019). Escreveu inúmeros contos para crianças como “A Medalha” e iniciou na “O Tico-Tico” o gênero de aventuras nos moldes americanos (CARDOSO, 2013).

Apesar de sua importância como ilustrador e artista pioneiro do quadrinho brasileiro, são poucas as referências encontradas sobre Oswaldo Storni. Assim, nesta breve análise, a pesquisa buscou relacionar a construção das ilustrações materializadas pelo artista com as prováveis fontes utilizadas para a representação da indumentária, dos utensílios, da fauna, da flora e das paisagens presentes nas obras estudadas como, por exemplo, o acervo do Museu Paulista.

De acordo com Marins (2020), Afonso Taunay, enquanto Diretor do Museu Paulista, foi um dos principais idealizadores do processo de figuração do bandeirante que se caracterizou pela disseminação de uma série de convenções visuais construídas com base em propostas formuladas no Museu. Para o pesquisador, a criação da imagem do bandeirante, assim como ocorria com a escassez de informações documentais relativas ao período, se referia também à falta de referências de imagens contemporâneas da aparência dos bandeirantes e de seu aparato material nos quais os pintores de história pudessem se basear. Assim, Taunay a partir de 1903 encomendou para o Museu uma série de obras que estabeleceram um conjunto de caracteres definidores dessa personagem. A primeira dessas obras de arte foi o retrato de Domingos Jorge Velho criado por Benedito Calixto, que estabeleceu alguns dos itens que comporiam a base de representação dos bandeirantes como a presença de barbas, o chapéu de abas largas, as botas de cano alto, o porte de armas de fogo e armas brancas.

Além da iconografia do Museu do Ipiranga, uma das possíveis referências de Storni para a criação das ilustrações é a obra “No tempo dos Bandeirantes” do artista Benedito Carneiro Bastos Barreto, mais conhecido como Belmonte, publicada originalmente em 1939. Belmonte²⁴ é conhecido por seu trabalho como chargista e caricaturista tendo também publicado livros e artigos sobre a história da capital paulista fazendo parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (SILVA, 2007). Para a

²⁴ Belmonte nasceu em São Paulo em 15 de maio de 1896 e faleceu em 19 de abril de 1947. Celebrizou-se entre as décadas de 1910 e 1940 por meio das charges publicadas nos principais jornais e revistas do Brasil e em periódicos do exterior. Informações sobre a produção artística e intelectual de Belmonte são encontradas em Silva (2007): “O traço de Belmonte desvelando São Paulo e o Brasil (1922-1924)”.

produção de “Nos Tempos dos Bandeirantes” Belmonte se baseou principalmente em documentos da época como atas da Câmara local e documentos da Igreja Católica. Outras importantes fontes de informação do autor foram os testamentos e inventários de onde retirou a maior parte das referências aos armamentos e indumentárias utilizados pelos paulistas da época.

Além da pesquisa histórica e iconográfica, importante característica de Oswaldo Storni como ilustrador é a utilização de referências fotográficas evidenciadas nas ilustrações do transporte do meteorito Bendegó²⁵ extraídas do livro “A Aldeia Sagrada”. Na obra sobre o Arraial de Canudos escrita por Marins em 1953 e que descreve o difícil transporte do meteorito do sertão da Bahia até o Rio de Janeiro, o artefato é retratado já com o corte realizado em 1887 após sua chegada ao Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro para fins de estudos de sua origem e composição.

Exemplo do cuidado de Storni com a criação de ilustrações a partir da narrativa fictícia de Marins são aquelas que imaginam a cidade de pedra presentes no livro “O Bugre-do-Chapéu-de-Anta”. Marins toma o relato de Hercule Florence em “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829”, quando este visitou a Chapada dos Guimarães em Mato Grosso como integrante da Expedição Langsdorff, como referência para criar sua cidade de pedras. Florence ficou profundamente impactado pelo local e desenhou algumas das paisagens²⁶ que remetem ao trabalho de Storni para o livro.

Oswaldo Storni faleceu em 10 de julho de 1972 e seu trabalho permanece ligado de forma indelével aos quadrinhos e à literatura brasileira sendo merecedor de pesquisas mais aprofundadas.

4. Considerações finais

Escritor e advogado, Francisco Marins foi membro da Academia Paulista de Letras, Presidente da Câmara Brasileira do Livro e Editor Chefe da Melhoramentos, uma das mais importantes empresas do setor editorial brasileiro. Suas obras escritas entre 1952 e 1958 correspondem a um período onde o passado colonial brasileiro foi tema

²⁵ Descoberto em 1784 no sertão da Bahia. O meteorito Bendegó é uma massa de ferro e níquel com 5.360 kg. Encontrava-se exposto no Museu Histórico Nacional, sendo um dos poucos itens que sobreviveram ao incêndio de 2018. A história do meteorito pode ser conhecida com detalhes no artigo de CARVALHO et al (2011), “O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química”.

²⁶ FLORENCE, Hercule. Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Página 221.

recorrente de inúmeros autores da literatura infantojuvenil, que abordaram a ocupação de regiões inexploradas do Brasil, em particular, a história dos bandeirantes, matéria que encontrava grande aceitação no ensino das décadas de 1940 e 1950. O tema foi potencializado na época pelo interesse do público brasileiro com o projeto de interiorização do desenvolvimento do país.

Tal fenômeno editorial foi resultado da grande mobilização nacional observada a partir dos anos 1920 e 1930 com o aumento do interesse na produção de obras de história com metodologia positivista sobre o passado colonial de São Paulo, quando as elites políticas e intelectuais passaram a reclamar com maior intensidade o protagonismo paulista na história do Brasil. Dentre estas obras figura com destaque a publicação dos volumes de "História das Bandeiras Paulistas" escritos por Afonso E. Taunay entre os anos de 1924 e 1950 e que se constitui como uma das principais referências de Manoel Rodrigues Ferreira e Francisco Marins para a criação das obras analisadas.

Dentro deste panorama, o presente estudo sugere que os livros que integram a trilogia do roteiro dos Martírios foram pensados e produzidos no âmbito de um amplo projeto político e cultural paulista que teve como base a historiografia produzida na primeira metade do século XX, além da influência da realização de eventos de grande importância histórica, cultural e política como as comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo realizadas em 1954, período em que inúmeras publicações ligadas ao tema foram reeditadas.

É seguro afirmar, dadas as evidentes similaridades entre as obras, que os livros que integram a trilogia do roteiro dos Martírios prestam tributo, sobretudo em seu segmento histórico, à obra de Manoel Rodrigues Ferreira, escrita com proposta diversa mas inserida no mesmo panorama político e cultural. Longe de diminuir seu valor literário e pedagógico, a ligação entre os livros de Marins e o livro de Ferreira evidencia uma bem sucedida adaptação da literatura documental adulta para a linguagem direcionada ao público jovem.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia de Paulo Setúbal**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-setubal/biografia>. Acesso em 20 de abr. de 2022.

ANHEZINI, K. **Entre o imperativo do arquivo e a retórica bandeirante: a constituição de um saber científico para a invenção do paulista**. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 349–372, 2021. DOI: 10.15848/hh.v14i36.1708. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1708>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ASSIS, Viviane Bessão de. **A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura infantil brasileira**. 2016. 299 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/145526>. Acesso em: 14 abr. 2022.

BARCELOS, Giovani da Silva. **Forte Príncipe da Beira: conhecimento, valoração e preservação**. 2018. 206 f. Dissertação de Mestrado (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/BARCELOS_Giovani-Dissertacao_Mestrado.pdf. Acesso em: 16 mai. 2022.

BELMONTE, Benedito Carneiro Bastos Barreto. **No tempo dos Bandeirantes**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 19___. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6839>. Acesso em 28 de dez. 2021.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Unesp, 2012. ISBN 9788539303748 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/113716>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BRUNIERI, Celina M. **Como tudo começou. Expedição Roncador-Xingu instala núcleos de povoamento, abre campos de pouso e chega às cabeceiras do Xingu; a experiência de contato com os povos do Alto Xingu inspira a criação do parque indígena**. São Paulo: Revista Entreteses, edição 5, novembro de 2015. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/1916-onde-tudo-comecou>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CARDOSO, Athos Eichler. **Pernambuco, o marujo - Um personagem para não ser esquecido**. NP 24 – História em Quadrinhos, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125567600306502983745449811570995932306.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d’O Tico Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking**. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950; pesquisa e texto Athos Eichler Cardoso. Brasília: Senado Federal, volume 123, 2013. Disponível em: <https://livraria.senado.leg.br/memorias-d-o-tico-tico-juquinha-giby-e-miss-shocking-vol-123>. Acesso em: 02 dez. 2021.

CARVALHO, Wilton Pinto de, et al. **O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química**. *Revista Brasileira de Geociências*. 41(1): 141-156, março de

2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjgeo/a/8NzyKcyk4ynJfXBWhvWpZgM/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2021.

COELHO, Selma Cotta Chauvet. **A reforma da escola com Manoel Bergstrom Lourenço Filho e as bases de uma nova escola no Brasil**. Revista Teias V.15, n. 38. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24464/17442>. Acesso em: 21 out. 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. 4ª ed. rev., São Paulo: Quiron, 1987.

COPPE JUNIOR, Gerson Ribeiro. **Definir os limites com história, preencher com história os limites: um estudo da construção de São Paulo como região na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1895-1949)**. 2016. 143 f. Dissertação (Pós-Graduação em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/145525>. Acesso em: 21 out. 2021.

CORREA FILHO, Virgílio. **As Raias de Mato Grosso**. Universidade da Califórnia, 1924.

CRUZ, Emília Nascimento. **Dimensões do espaço: Uma abordagem de Inocência, de Visconde de Taunay**. 2012. 184 f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2012. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/Dimens%C3%B5es-do-espao%C3%A7o-uma-abordagem-de-Inoc%C3%Aancia-de-Visconde-de-Taunay.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CUNHA, Ayres Câmara. **Entre os Índios do Xingu**. Melhoramentos, 1960.

CUNHA, Eliete Aparecida de Paula. **Ruptura e renovação no conto de fadas brasileiro: Emília, Clara Luz e leitor em parceria lúdica**. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

DA CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta. **Os Sertões**. Martin Claret; 1ª edição. 2019.

DALLANORA, Cristina. **Nas terras de Taquara-Póca: cultura caipira na obra de Francisco Marins**. 2010. 117 f. Dissertação (Pós-Graduação em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103313/276714.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 17 dez. 2021.

DOURADO, Francisco. **Oswaldo Storni**. Voos n'Ó Tico-Tico 2, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/41223674/OSWALDO_STORNI. Acesso em 12 dez. 2021.

ELIAS, Simone Santana R.; MARTINS, Décio Ruivo; MOREIRA, Ildeu de Castro. **As expedições naturalistas e cartográficas no Brasil dentre as práticas científicas no Brasil do século XVIII**. Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmen-

tal Science v. 7, n.1, jan.-abr. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2716>. Acesso em: 05 mai. 2022.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Terras e Índios do Alto Xingu**. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1952.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Autobiografia**. Fonte Digital. Documento do autor. 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biomanoel.html>; Acesso em 04 out. 2021.

FERRETI, Danilo José Zioni. **A construção da paulistanidade. Identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930)**. 2004. 398 f. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Danilo-Jose-Ferreti/publication/305766981_A_Construcao_da_Paulistanidade_identidade_Historiografia_e_Politica_em_Sao_Paulo_1856-1930/links/579fc87208ae100d38065c3c/A-Construcao-da-Paulistanidade-identidade-Historiografia-e-Politica-em-Sao-Paulo-1856-1930.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

FIGUEIRA, Patrícia Ferreira Fernandes. **Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil: estudo sobre os Guias do Mestre da série graduada de leitura Pedrinho**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24464>. Acesso em: 05 jun. 2022.

FLORENCE, Hercule. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução do Visconde de Taunay. Edições do Senado Federal – Vol. 93, Brasília, 2007. Disponível em <https://livraria.senado.leg.br/viagem-fluvial-do-tiete-ao-amazonas-de-1825-a-1829-vol-93>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FOGUERAL, Flávio. **História de Botucatu se perde após demolição de casarão onde morou Francisco Marins**. Notícias Botucatu, 19 de agosto de 2020. Disponível em: noticias.botucatu.com.br/2020/08/19/historia-de-botucatu-se-perde-apos-demolicao-de-casarao-onde-morou-francisco-marins/. Acesso em: 04 fev. 2022.

FONSECA, João Severiano da. **Viagem ao Redor do Brasil**. Typographia Pinheiro. Rio de Janeiro, 1880, 2º Volume. Biblioteca Digital do Senado Federal. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242429>. Acesso em: 30 dez. 2021.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil Séculos XVI, XVII, XVIII**. Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo. São Paulo, 1953. Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dicionario-bandeirantes-e-sertanistas>. Acesso em 23 dez. 2021.

GALVÃO, Maria Eduarda Capanema Guerra. **A Marcha para o Oeste na Experiência da Expedição Roncador-Xingú**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – AN-

PUH. São Paulo, julho, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890981_ARQUIVO_MarchaparaoOeste.pdf. Acesso em 07 dez. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Expedições Artísticas e Científicas do Século XIX**. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3783/expedicoes-artisticas-e-cientificas-do-seculo-xix>. Acesso em: 15 nov. 2022.

JOTABÊ, Medeiros. **Raridades do Alto Xingu**. Jornal o Estado de São Paulo. Caderno Cultura publicado em 21 de abril de 2013. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,raridades-do-alto-xingu-imp-,1023688>. Acesso em: 15 out. 2021.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. Editora Ática, 6ª edição, 2007.

WASHINGTON LUÍS. **Capitania de São Paulo – Governo de Rodrigo César de Menezes**. 2ª Edição. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1938. Biblioteca digital de obras raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/193>. Acesso em: 28 dez. 2021.

MACHADO, Alcântara. **Vida e Morte do Bandeirante**. Fundação Darcy Ribeiro, São Paulo, 2013. Disponível em <https://docero.com.br/doc/nxce5ev>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MAGALHÃES, Agenor Couto de. **Encantos do Oeste**. Imprensa Nacional, 1945.

MAGALHÃES, Coronel Amilcar Armando Botelho de. **Pelos sertões do Brasil**. Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editora Nacional, 1941. Biblioteca digital de obras raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/279?locale=es>. Acesso em: 28 dez. 2021.

MAGALHÃES, Coronel José Vieira Couto de. **O Selvagem - Trabalho preparatorio para aproveitamento do selvagem e do solo por elle ocupado no Brazil**. Typographia da Reforma. Rio de Janeiro, 1876. Biblioteca Digital do Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182909>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MAGALHÃES, General José Vieira Couto de. **Viagem ao Araguaya**. Edição definitiva. São Paulo, 1902. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/magalhaes-1902-viagem/magalhaes_1902_viagem.pdf. Acesso em: 28 dez. 2021.

MARINS, Francisco. **Nas terras do Rei Café**. São Paulo. Melhoramentos, 1945.

MARINS, Francisco. **Os segredos de Taquara-Póca**. Melhoramentos, 1947.

MARINS, Francisco. **O Coleira-Prêta**. Melhoramentos, 1949.

MARINS, Francisco. **Gafanhotos em Taquara-Póca**. Melhoramentos, 1950.

MARINS, Francisco. **Viagem ao mundo desconhecido: a fabulosa aventura de Fernão de Magalhães**. São Paulo. Melhoramentos, 1951.

MARINS, Francisco. **Expedição aos Martírios**. São Paulo. Melhoramentos, 1952.

MARINS, Francisco. **A aldeia sagrada**. São Paulo. Melhoramentos, 1953.

MARINS, Francisco. **Território de bravos**. São Paulo. Melhoramentos, 1954.

MARINS, Francisco. **Volta à serra misteriosa**. São Paulo. Melhoramentos, 1956.

MARINS, Francisco. **O Bugre-de-chapéu-de-anta**. São Paulo. Melhoramentos, 1958.

MARINS, Paulo César Garcez. **Uma personagem por sua roupa: o gibão como representação do bandeirante paulista**. Tempo, Niterói Vol. 26 n. 2 Maio/Ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2020v260207>. Acesso em: 02 jul. 2022.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo seguidos da cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação da Capitania de São Vicente até o ano de 1876**. Tomos I e II. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Livraria Martins Editora. São Paulo, 1976. Biblioteca Digital SEADE. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MENDONÇA, Estevão de. **Datas mato-grossenses**. Escola Typ. Salesiana, 1919. 2 volumes. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2579>. Acesso em: 28 dez. 2021.

NUNES, Luiz Coimbra; LEITE, Héliida Joane Viana. **Arte pré-histórica na Serra dos Martírios/Andorinhas-PA**. Notícias Pré-históricas do Presente, 2012. Disponível em: <https://pedraescrita.wordpress.com/2012/05/16/arte-pre-historica-na-serra-dos-martiriosandorinhas-pa/>. Acesso em: 02 out. 2021.

OLIVEIRA JUNIOR, Paulo Cavalcante de. **Affonso d'E. Taunay e a construção da memória Bandeirante**. 1994. 216 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/10322335/Affonso_dE_Taunay_e_a_constru%C3%A7%C3%A3o_da_mem%C3%B3ria_bandeirante. Acesso em: 10 out. 2021.

PEREIRA, Edithe. **Arqueologia na região da Serra das Andorinhas**. In: Paulo Sérgio de Souza Gorayeb. (Org.). Parque Martírios-Andorinhas: conhecimento, história e preservação. 1ed. Belém: UFPa, 2008, v. , p. 130-153. Disponível em: https://www.academia.edu/27337656/ARQUEOLOGIA_NA_REGI%C3%83O_DA_SERRA_DAS_ANDORINHAS. Acesso em: 25 set. 2021.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao Interior do Brasil**. Itatiaia, 1976.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Martin Claret, 1ª edição. 2017.

R. IHGB. **Revista Trimestral de História e Geographia**. Typographia de João Ignacio da Silva. Rio de Janeiro, 1847. Tomo IX. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>. Acesso em: 28 dez. 2021.

R. IHGB. **Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil**. Rio de Janeiro, 1875. Tomo XXXVIII, 2ª Edição, 1869. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SCHNEIDER, Alberto Luiz; ALMEIDA, Thays Fregolent de. **A Expedição Roncador-Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste**. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 49, n. 3, nov. 2018/fev. 2019, p. 243–287.

SILVA, Carlos André Lopes. **O “descobrimento” do Forte do Príncipe da Beira: a expedição de 1913 do almirante José Carlos de Carvalho**. Portal Brasileira Fotográfica. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16160>. Publicado em 09 de agosto de 2019. Acesso em: 24 jan. 2022.

SILVA, Fernanda Correia; BERLINI, Cintia Stela Negrão. **O acervo do IV Centenário da Cidade de São Paulo: da organização à exposição dos 60 anos do Parque do Ibirapuera**. VII Seminário Nacional do centro de Memória, Unicamp. 26 a 28 de julho de 2016. Campinas-SP.

SILVA, Zélia Lopes da. **O traço de Belmonte desvelando São Paulo e o Brasil (1922-1924)**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 163-179, jul.-dez. 2007.

SODRÉ, João Clark A. **A Casa Bandeirista de Luiz Saia no IV Centenário de São Paulo: Restauração e Preservação da Identidade Paulista**. Revista **Docomomo Brasil**. 2016. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/070R.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SOUZA, Claudete Cameschi. **Apresentação de Francisco Marins: A literatura infantil e juvenil brasileira de 1940 a 1960**. Texto extraído da tese de doutorado qualificada em 22 de junho de 2001. UNESP/ Marília, 2002. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/souza_claudete.htm. Acesso em: 10 nov. 2021.

STEINEN, Karl von den. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. Separata renumerada da Revista do Arquivo n. XXXIV a LVIII. Departamento de Cultura. São Paulo, 1940. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:steinen-1940-aborigenes>. Acesso em: 28 dez. 2021.

STEINEN, Karl von den. **O Brasil Central – Expedição em 1884 para exploração do Rio Xingu**. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. Companhia Editora Nacional, 1942. Biblioteca digital de obras raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/439>. Acesso em: 28 dez. 2021.

TAUNAY, Afonso d'Escragolle. **Relatos Monçoeiros**. Biblioteca Histórica Paulista IX. Livraria Marins Editora S/A. São Paulo, 1976. Biblioteca Digital SEADE. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10011597&parte=1>. Acesso em: 27 dez. 2021.

TAUNAY, Afonso de d'Escragnolle. **Na era das bandeiras**. Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo, 1922. 195 p. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6964>. Acesso em: 29 dez. 2021.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **História Geral das Bandeiras Paulistas, Tomo 1**. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1953?. 3 volumes. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6957>. Acesso em: 23 dez. 2021.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **História Geral das Bandeiras Paulistas, Tomo 2**. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1953?. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6956>. Acesso em: 23 dez. 2021.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **A Província de Goyaz na Exposição Nacional de 1875**. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1876. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4868>. Acesso em: 23 dez. 2021.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle, Visconde de. **A Cidade de Matto-Grosso (antiga Villa Bella) o rio Guaporé e a sua mais ilustre victima - Estudo Histórico**. Companhia Typographica do Brazil. Rio de Janeiro, 1891, 116 p. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4858>. Acesso em: 27 dez. 2021.

VALLE, Franco Della. **Vida e morte do bandeirante: Alcântara Machado e a produção da história paulista**. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

VIANNA, Hélio. **História das Fronteiras do Brasil**. Ministério da Guerra, Biblioteca Militar. Gráfica Laemmert, Limitada. Rio de Janeiro, 1948. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/439940>. Acesso em: 27 dez. 2021.

Recebido em: 22/11/2022

Aprovado em: 21/02/2023